

Confrontando o cânone literário: as personagens femininas e ditadura em *K – Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski

Márcia Moreira Pereira*

Julina Bellegard**

Introdução

Pensar a literatura na contemporaneidade é, antes de tudo, pensar a não ocorrência de fronteiras, seja entre espaços, anteriormente bem definidos e localizados, seja entre identidades, antes constituídas como subjetividades fixas. Há, como decorrência desse fato, uma crise de definições, centralidades e posições, resultando assim, numa espécie de naturalização do hibridismo. Alguns questionamentos pertinentes, neste contexto, seriam: o que caracterizaria, então, a periferia e o centro? O que caracterizaria o espaço e o ser – e, conseqüentemente, a literatura – contemporâneos? Esses questionamentos estão presentes em praticamente todo fazer literário contemporâneo, no qual observamos a ocorrência de *hibridismos* de toda sorte: desde as temáticas trabalhadas nos textos até a construção identitária das personagens, como é possível observar, a título de exemplo, no celebrado romance recém-lançado *Torto Arado* (2020), de Itamar Vieira Assunção, cuja narrativa é perpassada por uma série de *questões sertanejas*, ou no romance igualmente recente *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, em que temáticas de natureza étnico-racial habitam o caos das grandes cidades. Em ambos os casos, personagens encontram-se atravessadas por ambigüidades, tanto em suas relações pessoais quanto profissionais e psicológicas, implicando em questionamentos

*Doutora em Estudos Literários, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; mestre em Educação, pela Universidade Nove de Julho; graduada em Letras, com especialização em Tradução, pela Universidade Nove de Julho. Atualmente, leciona nos cursos de graduação (Letras), no Instituto Singularidades. Foi professora de Língua Portuguesa e de Literatura na rede pública de ensino (São Paulo). Tem artigos publicados em livros e revistas diversas.

E-mail: marciam.letras@gmail.com

** Professora de Português e Inglês e jornalista. Formada pelo Instituto Singularidades e pela PUC-SP. Atua com o público adolescente na educação básica e em cursos pré-vestibulares. Como pesquisadora, estuda as produções literárias brasileiras contemporâneas e suas possibilidades dentro de sala de aula.

E-mail: juliana.bellegard@gmail.com

sobre gênero, raça, classe etc., todos eles intermediados pela realidade avassaladora do mundo pós-moderno.

Mulher e literatura

Como sugerimos acima, a mulher desempenhou, nas sociedades ocidentais modernas, um papel historicamente secundário, fazendo emergir, nos instantes de resistência a essa condição secundarizada, a consciência do *locus* periférico que habita. Teorias culturais recentes, contudo, que concebem periferia e centro se compoem de modo “miscigenado” de convivência social e cultural, de certo modo dão voz a esse segmento da sociedade. Consequentemente, observa-se, na contemporaneidade, um esforço no sentido de neutralizar os processos de *invisibilização* da mulher na sociedade e revelar os efeitos de sua marginalização e exclusão. Nesse contexto, destaca-se a força combativa de afirmação de sua identidade, não só ultrapassando fronteiras sociais e individuais inerentes às sociedades “masculinizadas”, mas as possíveis margens canônicas tradicionais no âmbito da produção cultural. Portanto, não há dúvidas de que uma das questões fundamentais dos estudos contemporâneos se relaciona à “quebra” de identidades forjadas sob o domínio de um discurso hegemônico – no caso, o discurso masculino –, discussão que contribuirá para a própria construção do conceito de pós-modernidade (PRYSTHON, 2003).

A questão da fronteira, de fundamental importância para a contemporaneidade, não prescinde de uma discussão de fundo, que resvala na temática do pós-colonialismo – teoria que “pode significar uma posição contra o imperialismo e o eurocentrismo (...) [abrangendo] uma gama de experiências, culturas e problemas” (BONNICI, 2002, p. 03) –, mas, para os propósitos deste trabalho, mais importante do que essa discussão, é mostrar como a pós-modernidade, ao se opor de modo cabal às grandes narrativas fundamentadas nos discursos homogêneos (SANTOS, 2000), abriu espaço para que discursos periféricos, como o feminista, ocupassem espaço na sociedade e, por extensão, no âmbito da expressão literária e pudessem se impor como modo vigoroso. É, de certa forma, o que ocorre no romance de Kucinski que, a despeito de ser narrado por uma voz masculina, tem na mulher um ponto de equilíbrio composicional que faz das personagens femininas elementos imprescindíveis à sua sustentação estrutural.

É certo que personagens sem rumo, sem “estrutura” e sem identidades próprias marcam a narrativa contemporânea, mas, no caso de *K – Relato de uma busca*, é

exatamente esse fato inerente a nossa contemporaneidade que possibilitou a elevação da personagem feminina à categoria de figura central do romance, na medida em que, ao ocupar, na narrativa, um espaço de destaque, a mulher toma para si a palavra e rompe com a condição de subalternidade que a história/estória lhe confiou.

K: um relato feminino

O livro *K – Relato de uma busca*, publicado em 2010, é o romance de estreia do jornalista Bernardo Kucinski, que assina suas obras de ficção como B. Kucinski. A obra relata a saga de um pai em busca de sua filha desaparecida durante a ditadura civil militar brasileira. K. e A., personagens fictícios, encontram seus “duplos” na biografia do autor, mais especificamente em sua irmã Ana Rosa (“A”), “desaparecida” em 1974, e seu pai, Majer Kucinski (“K”). A partir do “sumiço” de A., o enredo é construído como uma colcha de retalhos, em que a narrativa central – a trajetória do pai – é entrecortada por outros curtos relatos paralelos que a complementam. Embora em momento algum fique explícito se o protagonista descobrira algo relacionado ao “desaparecimento” da filha, o leitor recebe pistas que o permitem completar as lacunas que faltam na história.

Por meio da narrativa, acompanhamos uma busca inquieta e angustiante do pai, que parecia estar com vida muito bem resolvida, até descobrir que vivia num entremeado burocrático, em um Estado que não respeitou o direito democrático de sua filha e, aparentemente, sumiu com seu corpo e sua existência:

K. passou a contabilizar a duração da ausência da filha, outro preceito dos tempos da juventude. E não passava um dia sem que tentasse algo pela filha. Já não fazia outra coisa. Para dormir, passou a tomar soporíferos. Quando se completaram vinte e cinco dias, reuniu coragem e foi ao Instituto Médico Legal (KUCINSKI, 2010 p. 19).

Neste contexto, as figuras femininas desempenham papel central na narrativa: embora secundárias em relação ao périplo de K, elas compõem a faceta mais impressionante do livro, por representarem os rastros da ditadura, simbolizados pela morte, pelo o silêncio e pela dor. Assim, cada personagem é, ao mesmo tempo, a mimese de uma figura real e um “signo dentro de um sistema de signos” (BRAIT, 1985, p. 44), conferindo ao texto camadas diferentes de significado. São elas: A., a filha que apesar de ser uma presença constante e essencial para a narrativa é quase uma anônima; a amante de um homem poderoso do regime, igualmente sem nome ou

qualquer outra descrição que a caracterize, exceto o próprio testemunho; e Jesuína, a ex-detenta contratada pelo então delegado Sérgio Paranhos Fleury como empregada de uma casa clandestina de prisões ilegais, interrogatórios, sessões de tortura e assassinatos.

É nítido, no entanto, que esta composição proposta pelo autor permite diferentes níveis de compreensão, pois demanda de cada leitor conhecimentos prévios da história brasileira e de alguns nomes que aparecem no contexto da ditadura militar. Essas personagens, juntamente com uma lista de figurantes que vão desde o próprio Fleury e a estilista Zuzu Angel, citados nominalmente, até Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo à época, a quem o livro se refere indiretamente, estabelecem onde, quando e em que contexto a busca de K. se passa.

Elas, as mulheres

A, a filha procurada no relato, é medo, memória, culpa e morte. A mais nova de três irmãos, professora doutora da Universidade de São Paulo, é descrita pelos fragmentos de lembranças do pai, por meio de curtos episódios nos quais são narrados momentos de sua vida com o marido; e por uma carta – que compõe o capítulo “Carta a uma amiga”. Essas são as peças de um quebra-cabeça que revela a complexidade e os diferentes aspectos da personalidade de A, com seu ativismo político, o protecionismo em relação ao pai e o medo do momento em que vivia:

Tem alguma coisa muito errada e feia acontecendo, mas não consigo definir o que é. (...) uma tensão insuportável e sem nenhuma perspectiva de nada. Já nem sei mais onde está a verdade e onde está a mentira (KUCINSKI, 2010. p. 48).

É assim que sua imagem é reconstruída por K., que por vezes mostra-se alheio aos detalhes da vida da filha. Embora não seja a protagonista, ela é central para o desenvolvimento da trama, pois seu desaparecimento põe em movimento não só seu pai, mas as autoridades responsáveis e os colegas de universidade. Estes últimos são pivôs de uma crítica feita pelo autor: ao relatar o episódio da demissão de A. da Universidade de São Paulo por abandono de função, após seu desaparecimento, Kucinski aponta o dedo para o absurdo não somente da instituição que a desligou do cargo, mas da sociedade que permaneceu, durante muito tempo, calada. Esta indignação de K., vai desde sua busca desenfreada a procura da filha, em igrejas, comércios, ruas ou qualquer informante/informação sobre a filha, – até alguns

momentos de desânimo e constatação de que aquela dor é só dele, e que ela é ignorada pela sociedade, pelo Estado:

O Estado não tem rosto nem sentimentos, é opaco e perverso. Sua única fresta é a corrupção. Mas às vezes até esta se fecha por razões superiores. E então o Estado se torna maligno em dobro, pela crueldade e por ser inatingível (KUCINSKI, 2010, p. 55).

O relato do pai K é, sobretudo, um relato lamentoso, de alguém que parecia alheio ao que acontecia no país, na sua casa, com sua filha, desse modo, ele parece, o tempo todo, pensar na possibilidade de reelaboração, do que foi o do que poderia ter feito, suas lamúrias passam por momentos de memórias como a comparação das vítimas do holocausto com as vítimas da ditadura, como a relação paterna com sua filha, com quem, muitas vezes, ele pensa que deveria ter tido mais e melhor proximidade, quando ela é dada como desaparecida, eles percebe que não sabia quase nada sobre a vida dela, chega a questionar como foi infância dela e como ela se tornou uma militante, uma mulher “grande”, forte e destemida, ao ponto de confrontar um Estado opressor, sendo considerada subversiva:

A falta da lápide equivale dizer que ela não existiu e isso não era verdade: ela existiu, tornou-se adulta, desenvolveu uma personalidade, criou o seu mundo, formou-se na universidade, casou-se. Sofre a falta dessa lápide como um desastre a mais, uma punição adicional por seu alheamento diante do que estava acontecendo com a filha bem debaixo de seus olhos (KUCINSKI, 2014, p. 79).

Esse silêncio e paralisia são também mostrados pela personagem que narra o capítulo “Paixão, compaixão”, personagem que, apesar de não ter nome, tem voz para contar sua própria história: era amante de um homem importante da ditadura, um delegado de polícia ou militar que tinha conhecimento e participação nas prisões e mortes ilegais; o relacionamento é perpassado pela culpa por saber das atividades bárbaras do amante, mas também pela hipocrisia e passividade diante das circunstâncias, conforme a própria descrição da personagem:

Foi a única vez que admitiu que torturava, isso de acender o cigarro, buscar um filho, onde já se viu? Eu abomino esse tipo de coisa. Também a única vez que ele quebrou nosso acordo de não trazer para casa as sujeiras do serviço dele (KUCINSKI, 2010. p. 103).

Com um enredo que, *a priori*, já revela seu clímax e parte de seu desfecho, o livro ainda tem um ponto alto no capítulo “A terapia”, no qual a personagem-testemunha Jesuína consulta-se com uma terapeuta do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), pois sofre de alucinações e insônias que a impedem de trabalhar. A dor é revelada na fala hesitante da jovem faxineira, que desvela as finas camadas de traumas vividos. Ex-detenta, ela trabalhou em uma casa clandestina de torturas – uma referência à chamada Casa da Morte,¹ instalada em Petrópolis. Ali, presenciou o ir e vir dos detentos, e também o ocultamento de cadáveres:

Vi uns ganchos de perdurar carne igual nos açougues, vi uma mesa grande e facas igual de açougueiro, serrotes, martelo. É com isso que eu tenho pesadelos, vejo esse buraco, pedaços de gente (KUCINSKI, 2010, p. 124).

Em seu relato, Jesuína ainda conta que tinha o papel de obter informações dos presos da casa, passando-se por cúmplice solidária à situação dos detidos. Em uma dessas ocasiões, ficou presa junto com outra mulher, que lhe disse o nome completo, um nome complicado. A moça, antes que as sessões de tortura fossem retomadas, suicida-se ingerindo um veneno que levava dentro da boca. O leitor atento lembrará que a referência a este veneno já apareceu anteriormente na trama, quando o autor narra a fuga de um casal de seu esconderijo, que havia sido comprometido. A mulher e o marido, colecionador de livros e documentos denunciando os abusos da ditadura, escondem entre os dentes uma pequena cápsula de cianureto. Assim, a faxineira tira do leitor, e indiretamente do pai também, qualquer esperança de rever A. ainda com vida. É Jesuína que sedimenta a certeza que acompanha todo o enredo: a professora estava mesmo morta. Ainda nesta perspectiva, alguns relatos/memórias, são horripilantes no que concerne as torturas e mal tratos vividos pelos *subversivos* quando caíam nas mãos da polícia:

O Fleury mandou eu descer e ficar de novo com a moça, para ver se ela falava mais alguma coisa. De madrugada chegou o doutor Leonardo. Lá de baixo eu adivinhei que era o médico e avisei baixinho, quando vem o médico é porque vão maltratar, fazer coisa ruim. Logo depois vieram buscar ela. Foi aí que ela de repente meteu um dedo na boca e fez assim como quem mastiga forte e daí a alguns segundos começou a se contorcer. Eles nem tinham aberto a cela, ela caiu de lado gemendo, o rosto horrível de se ver e logo depois estava morta. Parecia morta e estava morta mesmo (KUCINSKI, 2010, p. 130).

¹ OTÁVIO, Chico; DAL PIVA, Juliana; REMÍGIO, Marcelo. Torturador conta rotina da Casa da Morte em Petrópolis. *O Globo*. 23 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/torturador-conta-rotina-da-casa-da-morte-em-petropolis-5300155>>. Acesso em: jun. 2021.

Estas duas mulheres, secundárias às ações da trama, possuem, contudo, nuances de personalidade que não as deixam ser caracterizadas como planas. Se, por um lado, são primeiramente caracterizadas por estereótipos – a amante cega e a faxineira obediente –, por outro, elas mostram sua força e sua complexidade no momento em que ganham voz. É assim que revelam como os traumas e arrependimentos que carregam por circularem por este ambiente de terror e morte as marcaram permanentemente. A amante, por exemplo, recebia parentes e amigos de desaparecidos para passar-lhes informações sobre aqueles que procuravam – normalmente uma notícia de falecimento. A faxineira também acaba por revelar, na terapia, os abusos e assassinatos ocorridos na Casa da Morte.

“A”, figura feminina de destaque fundamental, não se torna única somente aos olhos do pai, mas também na posição destemida, de alguém que, embora muitas vezes invisível e vista como criatura nula ou incapaz numa sociedade opressora, se negou a se sujeitar a esta dinâmica e acreditou numa nova realidade, numa nova democracia, por meio de sua luta contra um regime ditador e violento.

Considerações finais

Esta galeria de personagens femininas de *K – Relato de uma busca* ilustra uma das principais características dos romances contemporâneos: o hibridismo de recursos literários e linguísticos para a construção do enredo. À luz das análises formais dos aspectos da narrativa, a obra aparece como uma negação das estruturas determinadas. É um livro no qual tudo é invenção, “mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2010. p. 11), composto por memórias e, também, por lapsos entre realidade e ficção, o que pode configurar, mais uma vez, em mais uma característica da literatura contemporânea, a pós verdade.

O texto também é construído por mulheres caladas e assassinadas, mas essenciais para que o sentido da obra como um todo seja pleno. A realidade opressora dessas personagens dá vida a algo urgente e significativo, além de contemporâneo ao extremo: a violência sofrida pelas minorais nas ditaduras latino-americanas.

Da mesma forma, a obra também é um romance autobiográfico de ficção, com personagens que representam claramente pessoas reais, mas são ao mesmo tempo uma alegoria do que foi a ditadura militar brasileira. Nesse sentido, finalizamos com aquilo que defendeu Idelber Avelar (2003, p. 237): “a literatura pós-ditatorial latino-americana se encarrega da necessidade não só de elaborar o passado, mas também de definir sua posição no novo presente instaurado pelos regimes militares”.

Tiranía e resistência: literatura da ditadura na América Latina (1954-1990)

Confrontando o cânone literário: as personagens femininas e ditadura em *K – Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski

DOI: 10.23899/9786589284116.34

E o romance analisado parece ser um exemplo acabado desse fenômeno...

Referências

AVELAR, Idelber. A escrita do luto e a promessa de restituição. In: AVELAR, Idelber. **Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 235-259.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. **Léguas & meia**: Revista de literatura e diversidade cultural, Feira de Santana, v. 4, n. 3, p. 186-202, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

KUCINSKI, Bernardo. **K – Relato de uma busca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PRYSTHON, Angela. Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. **Revista Famecos**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 21, p. 43-50, ago. 2003.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2000.